

Apresentação  
PROBLEMATIZANDO JUÍZOS ESTÉTICOS  
E VISÕES CRÍTICAS NOS ESTUDOS TEATRAIS

Neste volume da revista *Miscelânea*, reunimos artigos cujas pesquisas versam sobre o teatro, sua produção e circulação. Esses textos contribuem para novas leituras e avaliações sobre as produções dramáticas, quer partam de do uso de documentos de fontes primárias, quer estabeleçam profícuo diálogo com as teorias literária e dramática.

Em relação aos textos dedicados às pesquisas sobre o teatro do século XIX, no artigo “*Ódio de Raça*: diálogo com o contexto histórico-literário luso-brasileiro” de Flávia Maria Ferraz Sampaio Corradin, a autora nos apresenta a peça *Ódio de raça*, de Francisco Gomes de Amorim, traçando um diálogo com o contexto de produção da dramaturgia luso-brasileira do século XIX e com a forte crítica ao melodrama feita por Almeida Garrett. A articulista nos mostra que embora Amorim não se afine a Garrett, pois não consegue escapar ao gênero melodramático, ele o faz de forma paródica e satírica, expondo, desse modo, o gosto corrompido do público da época.

Os autores Antônio Marcos Vieira Sanseverino e Rodrigo César Dias, no artigo “Entre pragas e adágios: *Amor por anexins*, de Arthur Azevedo, e suas implicações paródicas”, trazem um pertinente estudo sobre a farsa de Arthur Azevedo que estabelece um diálogo com a peça *Les jurons de Cadillac* do dramaturgo Pierre Berton, traduzida livremente por Luís Guimarães Júnior como *As pragas do coronel*. Partindo dos conceitos de paródia e da noção de transcontextualização, os estudiosos explanam que o movimento de apropriação da literatura estrangeira ocorre dentro de um distanciamento crítico em relação ao texto parodiado, constantemente ressignificado e aclimatado segundo os problemas e questões de ordem local.

Daniela Mantarro Callipo, em seu artigo “O teatro musicado francês no Rio de Janeiro oitocentista: sucesso, ruína, aplausos e críticas” traça um interessante panorama histórico do gênero que adentra no Brasil e na América Latina, por meio de artistas e trupes vindos da França, ajudando a contar e a refletir sobre a história dos cafés concertos e teatros importantes do Oitocentos carioca. Partindo do conceito de “mediadores culturais”, a autora explicita o quanto artistas como Labrocaire, D’Hôte, e empresários como Arnaud e Hubert foram grandes responsáveis pela circulação do teatro

musicado francês, que se instalou fortemente no Brasil, formando o gosto do público da época.

No tocante aos estudos voltados à produção do teatro do século XX, Phelippe Celestino Pereira dos Santos em “Roberto Gomes e o teatro brasileiro no início do século XX” propõe uma análise perspicaz sobre a trajetória e a dramaturgia do escritor carioca. Informações sobre avaliações críticas e historiográficas ante a obra de Roberto Gomes, ajudam a traçar um olhar mais apurado sobre os juízos que motivaram à crítica teatral a subjugar sua produção dramática.

Em “Triste como todos os melodramas: figurações do melodrama no Jornal do Brasil e na Gazeta de Notícias (1900-1909)”, o autor George Luiz França buscou entender como no início do século XX o termo melodrama ultrapassou as barreiras do teatro, estando no cerne do projeto de modernidade da elite conservadora do país no início do século XX. O resultado é um trabalho que busca empreender um novo olhar sobre a configuração do termo melodrama para além do seu reconhecido lugar no gênero dramático.

O artigo “Isso devia ser proibido” de Priscila Matsunaga reflete sobre o pensamento crítico de Sábato Magaldi, Décio de Almeida Prado, João Apolinário e Anatol Rosenfeld. Para isso, a autora tem como base as apreciações realizadas pelos quatro intelectuais à peça de Bráulio Pedrosa que dá título ao trabalho em questão. Traçando uma linha argumentativa que expõe as tensões e circunstâncias do pensamento crítico teatral da década de 60, a autora consegue condensar de maneira competente os impasses e interesses da crítica ante o teatro brasileiro do período.

Esther Marinho Santana, no artigo intitulado “Por uma insubmissão santa: reverberações Beat em *O Cão siamês/Alzira Power*, de Antonio Bivar” a autora reilumina a peça do dramaturgo Antônio Bivar, morto em 2020, em decorrência da Covid-19, trazendo a baila um datiloscrito inédito da obra e tecendo um diálogo bastante instigante entre a composição bivariana e a geração Beat, dos anos 60. A articulista demonstra o quanto o pensamento Beat servirá para Bivar não somente contestar um modo pequeno-burguês de vida, mas de pensar a criação dramática como um espécie de insubmissão estética.

Por fim, Paulo Ricardo Berton traz em seu artigo “Afinal, Drama é o que mesmo?: Definindo um conceito e um lugar para o Drama na historiografia teatral através das ideias de três autores dramáticos japoneses modernos: T. SHÖYŌ, O. KAORU e K. KISHIDA” uma reflexão essencial sobre o conceito de Drama, assunto essencial aos estudiosos de teatro. Partindo de uma premissa original, o pesquisador aponta reflexões e características essenciais do gênero literário em questão, apresentando e analisando a concepção de Drama de três importantes dramaturgos japoneses

que constam no título do trabalho.

Os artigos aqui reunidos procuram trazer novos olhares sobre dramaturgias, autores ou conceitos ligados ao universo teatral, ampliando, dessa forma, as apreciações e as condições para o entendimento do gênero dramático no campo dos estudos literários. Espera-se que o leitor se deleite com o número da revista da *Miscelânea* voltado ao universo teatral. Bom espetáculo a todos!